

A Ásia é uma região do mundo permeada por assimetrias e dilemas de segurança, onde a presença de rivalidades estatais e a atuação de movimentos contestatórios etno-nacionalistas geram instabilidade. A militância crescente no Estado paquistanês tem evidenciado a inabilidade das forças de segurança do país no combate à insurgência interna. Nesse sentido, os militantes têm expandido seus domínios: territórios no nordeste do Paquistão estão fora do controle do governo, e grupos extremistas têm trabalhado em conjunto em diferentes pontos do país. O estudo do caso paquistanês insere-se em uma pesquisa mais ampla, que trata das novas formas institucionais, interestatais e transnacionais, de cooperação securitária.

A luta contra o terrorismo no Paquistão é uma luta pela própria sobrevivência do Estado. Ademais, os Estados Unidos enxergam a cooperação com o Paquistão como ferramenta crucial para derrotar os militantes talibãs e garantir a vitória no país vizinho, o Afeganistão. Pelas razões apresentadas, o dilema de segurança que se apresenta na região pode ser atenuado através do estabelecimento de relações de cooperação securitária entre Estados Unidos e o governo paquistanês. Diante disto, parece claro que o alcance do separatismo e da ação de grupos insurgentes no subcontinente autorizam plenamente a percepção de que haverá implicações para a estabilidade regional. Estabelecer quais são suas decorrências, seu alcance e sua intensidade é o que justifica este estudo do ponto de vista social. Além disso, o Paquistão conta com uma singularidade que demonstra a relevância analítica do estudo: não se trata apenas de um Estado falido ou em falência, mas da complexidade das relações que se observam entre as construções do “Estado” e da “Nação” Paquistaneses. O enfoque que orientará o desenvolvimento da pesquisa será dado pela metodologia do rastreamento de processo, realizado através do exame de documentos oficiais e pesquisa bibliográfica, aliado ao estudo de caso.